

Bird planeja fazer do Brasil modelo de proteção ao ambiente

MOISÉS RABINOVICI
Nosso correspondente

WASHINGTON — O Banco Mundial quer transformar o Brasil num modelo de preservação do meio ambiente para outros países. Vai continuar investindo em energia e infra-estrutura, em industrialização e em irrigação, mas com uma profunda preocupação ecológica, rejeitando projetos que signifiquem um abuso contra a natureza. E deverá aumentar seu fundo de US\$ 138 milhões destinados ao desenvolvimento e conservação de florestas tropicais para US\$ 350 milhões já no seu próximo ano fiscal de 1989, em julho do ano que vem.

Os novos objetivos do Banco Mundial foram anunciados na noite de ontem por seu presidente, Barber B. Conable, no Instituto Mundial de Recursos: "Primeiro, estamos criando um departamento de meio ambiente de alto nível para ajudar a fixar a direção da política do banco, seu trabalho de pesquisa e de planejamento. E ele tomará a dianteira na elaboração de estratégias para integrar as considerações ambientalistas em nossa política geral de empréstimos".

Conable defende a idéia de que "o contínuo desenvolvimento depende da administração de recursos (do meio ambiente), e não de sua exaustão". E vê "... a possibilidade para uma nova era de crescimento econômico... baseado em políticas que sustentem e expandam a fonte ambiental básica". No final do que chamou de "apenas uma introdução à agenda ecológica do Banco Mundial", e que será testada por fatos, e não discursos, ele apelou:

"O Banco Mundial necessita da ajuda dos ambientalistas de todas as nações... Precisamos de seu conselho, de sua experiência, sua pressão e imaginação para fazermos do trabalho urgente de proteção ao meio ambiente uma campanha coordenada por um mundo mais seguro, mais rico e mais saudável."

Barber Conable, que assumiu a presidência do Banco Mundial em julho do ano passado, e logo começou a reformá-lo, anunciando anteontem as primeiras medidas reorganizacionais, acredita que "devemos parar o avanço dos desertos", mas confessa que "ainda não sabemos como". Seu conselho é o de temperar otimismo com cautela: "Em negócios ambientais, como em muitos outros, há uma distância entre

ciência e governo". E deu um exemplo:

"Sabemos que devemos proteger as florestas tropicais. Mas nem as nações em desenvolvimento nem as instituições internacionais têm adequadas alternativas para um povo faminto em busca de comida ou de terras".

Brasil como exemplo

O Brasil foi longamente mencionado no discurso feito por Barber Conable, ontem à noite. Primeiro, para demonstrar uma preocupação ecológica antiga do Banco Mundial: "No começo de 1970, financiamos a construção de um terminal de minério de ferro numa praia brasileira, observando estritas salvaguardas contra poluição, e com um real respeito pela beleza natural do lugar". Depois, para assumir um erro.



Conable: parar os desertos

"O banco também tropeça, inevitavelmente. Um recente projeto brasileiro, conhecido como Polonoroeste, é um exemplo sensato de um esforço ecologicamente válido que deu errado. O banco interpretou mal as realidades humana, institucional e física da selva e da fronteira. Uma estrada que beneficiaria pequenos fazendeiros tornou-se também um caminho aberto para companhias de exploração florestal. Medidas para proteger índios e terras foram cuidadosamente planejadas. Mas elas não chegaram a ser executadas com o necessário vigor. Em alguns casos, a dinâmica da fronteira ficou fora de controle. O projeto Polonoroeste en-

sinou muitas lições. A verdade básica é a de que um plano ambiental ambicioso requer uma análise realista dos mecanismos para o seu estrito cumprimento no local e no futuro."

E afi o presidente do Banco Mundial conclui:

"O Brasil progrediu na construção de salvaguardas para a proteção ambiental. E o banco está ansioso para apoiar o governo brasileiro na busca de um programa nacional de meio ambiente que possa tornar-se um modelo para outras nações."

Há pouco tempo, no dia 19 de abril, um canal de tevê, a CBS, levou ao ar um documentário sobre o projeto Polonoroeste, mostrando como o Banco Mundial "gastava o dinheiro do contribuinte norte-americano": as cenas eram de destruição da floresta, de migrantes decepcionados e de protestos. Mas o filme tinha sido feito em 1985, e entrou no prestigioso programa "60 Minutos" sem nenhuma explicação. Em seu discurso de ontem à noite, Barber Conable lembra que o banco interrompeu os desembolsos para o Polonoroeste tão logo os erros do projeto tornaram-se óbvios, no começo de 1985. E só os recomeçou depois que "importantes medidas corretivas" foram adotadas.

Nova Divisão

As mudanças anunciadas por Barber Conable, ontem à noite, vão requerer a contratação de pessoal especializado, num momento em que o Banco Mundial, em meio a uma profunda reorganização, deverá demitir 10% de seus 6 mil funcionários, em Washington.

Uma antiga funcionária, a antropóloga Maritta Koch-Weser, responsável pela divisão em que estão incluídos o Brasil, a Jamaica e Guiana, e que trabalhou no projeto Polonoroeste, está sendo muito cotada para dirigir os trabalhos de elaboração e de execução da nova política ambientalista do Banco Mundial.

Maritta, alemã, tem um envolvimento pessoal com o Brasil: é casada com um brasileiro. E fala português quase sem sotaque. Seu PhD foi sobre as tradições africanas no Brasil.

Qual seria a preocupação de Maritta, como representante do Banco Mundial, com o meio ambiente? Ela responde:

"A preocupação com algum dano é muito grande. Pois um dano é uma perda. E muitas vezes, especialmente na Amazônia, uma perda permanente. Aquela mata virgem nunca será substituída pela mesma mata".